

Notas para observação da exposição *Distant Smoke*

Distância

No campo visual de todos os vertebrados, há um ponto cego, um ponto que corresponde à falta de células fotorreceptores no disco óptico da retina onde passa o nervo óptico, causando uma obstrução na visão (normalmente, este efeito é imperceptível, já que o nosso cérebro preenche esse ponto com informações sobre imagens ao seu redor e com informações percebidas pelo outro olho). Para nos apercebermos deste facto, há um simples exercício que podemos fazer: tapar o olho direito, aproximar-nos, e olhar fixamente para o **X**; ao afastarmo-nos lentamente, o **A**, mais distante, irá permanecer sempre no campo de visão, enquanto que o **O** irá desaparecer e reaparecer.

ao J. M. W. Turner e John McCracken

Uma linha vertical de poeiras e gases desenha uma estrutura efémera que se dissipa numa nuvem pesada. Forma uma escultura ágil, de pó e velocidade, ao contrário de objectos densos e pesados, que dificilmente conseguem uma vida nómada. Ao se desintegrar e expandir, transfere a totalidade dos planos visuais para um plano único – o chão. O que se conseguia aguentar de pé, passa a precisar do apoio da parede. Temos de ficar de pé.

As miragens não ardem

Enquanto conversamos calmamente, há um fogo que vemos à distância. Não sabemos qual a sua origem. Começamos a sentir o fumo. A cor de todas as coisas à nossa volta muda. É um tom alaranjado, um rosa-fumo que chega aos nossos olhos e arde. Será que devemos dar-lhe importância? Será que chega até nós? Continuamos a conversar, cada um com uma cerveja na mão. Falamos do porquê, do onde, do quando. Falamos das razões que nos trouxeram aqui, e porque é que queremos continuar. Viemos de longe, talvez de uma mesma zona desta terra onde a palavra é arma. Somos refugiados da cor apesar de olharmos a preto e branco.